

O ÚLTIMO AMIGO, DE TAHAR BEN JELLOUN

Daniel Felix

Universidade Federal de Santa Catarina

Narrativa que desvela a trajetória de uma longa amizade entre dois amigos, desde a infância à idade adulta – Ali e Mamed (Mouhamed). Mamed, totalmente passional, impulsivo e visceral. Ali, silencioso e extremamente companheiro. Trajetória composta por descobertas, encontros, afetos, memórias e segredos. Quando jovens gostavam de ler os poetas modernos, como também, Sartre, Camus, Marx e Lênin em meio aos encontros nos cafés, às tardes do Ramadã e às trocas de revistas, livros e confidências. Ao ingressarem na faculdade, uma breve separação ocorre, enquanto, Ali estuda cinema no Canadá, em Québec, Mamed estuda medicina na França, em Nancy. Com o passar dos anos, a amizade se torna intensa, união profunda que jamais teria razões para se romper, entretanto, ela é trespassada diversas vezes por sentimentos de inveja, ciúmes, orgulho, enfim, sentimentos que ferem a lealdade e a confiança

A narrativa de Jelloun dá voz aos protagonistas e os apresenta em três capítulos: o primeiro, denomina-se Ali, o segundo, Mamed, e o terceiro, Ramon, um amigo dos protagonistas. Assim, surgem três momentos, três cantos distintos ao amor e à amizade.

O romance tem início em Marrocos, mais precisamente, em Tânger, e já na primeira página o narrador apresenta ao leitor a realidade social e política do Magrebe, – *estávamos em 1960: a Argélia, sacrificada por uma guerra feroz. (...), o Sr. Briançon encontrava-se com o nosso professor de árabe, o Sr. Hakim, que tinha, também, um filho em combate, alistado no exército da FLN.* Os capítulos subsequentes descortinam um olhar apurado diante das crises políticas e sociais do Magrebe. Notadamente, quando a narrativa aborda os anos 60, mais precisamente, o verão de 1966, quando Mamed e Ali são postos na prisão. Mamed é duramente torturado durante o confinamento, então, não somente reaparece o cenário político como também a história contemporânea de Marrocos. Contudo, é válido dizer que, a trama da



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

narrativa não se concentra nos conflitos sociais dos países árabes, tampouco, nos conflitos da sociedade marroquina dos anos 60, pois, na verdade, o enredo atravessa a labiríntica e delicada reflexão acerca da profunda amizade entre dois homens que compartilham diferentes experiências. Dois homens unidos em seus segredos, desejos, sonhos, intimidades, alegrias, dores e temores. Profundo laço e nó de confiança e amor. Definitivamente, a narrativa de Tahar Ben Jelloun, convoca o leitor a pensar a amizade. Abre-se aqui um brevíssimo convite a pensá-la: *quocirca et absentes adsunt (...) et, quod difficilius dictu est, mortui vivunt. Por isso os amigos, mesmo ausentes estão próximos (...) e o mais difícil de ser dito, apesar de mortos, vivem. Laelius De Amicitia.*

O discurso de Cícero ao tratar da amizade, anuncia que não se trata apenas de entender *o que é a amizade*, (e de como os gregos a interpretavam), porém, sobretudo, de *como se vive a amizade*. Ou ainda, pode-se ler uma versão mais contemporânea, por exemplo, segundo a perspectiva de Derrida, em *Politiques de l'Amitié*. Pois, de acordo com esse filósofo, entende-se as formas de amizade na interação com o outro (entre alteridades, subjetividades e singularidades).

Enquanto isso, relata o narrador acerca do afeto entre Ali e Mamed – *nossa amizade teve um belo percurso porque jamais cometemos atos mesquinhos, pequenos e medíocres. Tinhamos muito cuidado. Cultivávamos essa ligação com transparência, sem a menor ambiguidade, sem mentira. (...) as pessoas acreditavam que estávamos de acordo a respeito de tudo, enquanto o que fazia a qualidade de nossa amizade eram as nossas diferenças, as nossas divergências, mas jamais a oposição. Éramos complementares, furiosamente ciumentos da força que cimentava nossa união.* E ainda acrescenta o narrador: *elle ne s'arrête pas avec la mort (a amizade não acaba com a morte)....* Sabe-se que, a amizade não termina com a morte, ela permanece nas páginas dos livros, nas memórias, nos corpos e nas cicatrizes dos corpos. Afinal, a amizade se desvela no ato de trazer consigo e de possuir o outro que dedicadamente e insistentemente amamos. Como um canto de Orpheu, lembro o verso do célebre poeta Paul Celan - *Die Welt ist fort, ich muss dich tragen./O mundo foi embora, é preciso que eu te leve.*

JELLOUN, T. B. *O Último Amigo*. Trad. Maria Angela Villela. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

[Recebido em julho de 2011 e aceito para publicação em outubro de 2011]

Tahar Ben Jelloun, franco-marroquino, nasceu em primeiro de dezembro de 1944 em Fez e viveu a sua juventude em Tangêr. Em 1971, por motivos políticos, deixou o Marrocos e foi para a França, onde logo passa a escrever no jornal *Le Monde*. Em 1987, Ben Jelloun recebeu o prêmio Goncourt pelo romance *A noite sagrada*, e desde então, declarou definitivamente o seu engajamento contra o racismo na França e no mundo. Em fins de setembro de 2010, escreveu uma carta aberta, reveladora de forte crítica, ao presidente Sarkozy.

